

Descrição das funções sintáticas nas gramáticas de inglês e português

Đurković, Lucija

Master's thesis / Diplomski rad

2019

Degree Grantor / Ustanova koja je dodijelila akademski / stručni stupanj: **University of Zagreb, University of Zagreb, Faculty of Humanities and Social Sciences / Sveučilište u Zagrebu, Filozofski fakultet**

Permanent link / Trajna poveznica: <https://urn.nsk.hr/urn:nbn:hr:131:933878>

Rights / Prava: [In copyright](#)

Download date / Datum preuzimanja: **2021-12-03**



Repository / Repozitorij:

[ODRAZ - open repository of the University of Zagreb Faculty of Humanities and Social Sciences](#)



Sveučilište u Zagrebu

Filozofski fakultet

Odsjek za romanistiku

Katedra za portugalski jezik i književnost

OPIS SINTAKTIČKIH FUNKCIJA U ENGLESKIM I PORTUGALSKIM GRAMATIKAMA

Diplomski rad

Mentorica: dr. sc. Daliborka Sarić

Studentica: Lucija Đurković

Zagreb, prosinac 2019.

Universidade de Zagreb

Faculdade de Letras

Departamento de Estudos Românicos

Cátedra de Língua Portuguesa

DESCRIÇÃO DAS FUNÇÕES SINTÁTICAS NAS GRAMÁTICAS DE INGLÊS E PORTUGUÊS

Tese de mestrado

Orientadora: dr. sc. Daliborka Sarić

Estudante: Lucija Đurković

Em Zagreb, dezembro de 2019

University of Zagreb

Faculty of Humanities and Social Sciences

Department of Romance languages and literature

Portuguese language and literature

THE DESCRIPTION OF SYNTACTIC FUNCTIONS IN ENGLISH AND PORTUGUESE GRAMMARS

Graduation Thesis

Mentor: dr. sc. Daliborka Sarić

Student: Lucija Đurković

Zagreb, December 2019

SAŽETAK

Ovaj diplomski rad nastoji razmotriti i usporediti opise sintaktičkih funkcija u tri engleske i tri portugalske gramatike. U tu svrhu, prvi odnosno teorijski dio rada sastoji se od opisa i definicija svake pojedine funkcije u navedenim gramatikama te su navedeni primjeri kako bi se ilustrirale razlike odnosno sličnosti između europskog portugalskog i engleskog jezika. Navode se razlike u identifikaciji i opisu funkcija, kao i razlike koje proizlaze iz razlika u jezičnim strukturama u dva jezika. Opisana je svaka funkcija u portugalskom, nakon čega slijedi opis odgovarajuće funkcije u engleskom jeziku s naznačenim razlikama u terminologiji, dok su na kraju poglavlja navedene funkcije koje nisu opisane na isti način u gramatikama drugog jezika. U drugom dijelu rada prikazane su ključne sličnosti odnosno razlike u navedenim opisima u gramatikama oba jezika.

KLJUČNI POJMOVI: sintaksa, sintaktičke funkcije, portugalski jezik, engleski jezik

RESUMO

Este trabalho pretende observar e comparar as descrições das funções sintáticas em três gramáticas inglesas e três gramáticas portuguesas. Para esse fim, a primeira parte ou a parte teórica deste trabalho fala sobre as descrições e definições de cada função identificada numa das gramáticas referidas, e são dados os exemplos para ilustrar diferenças e semelhanças entre inglês e português europeu. São indicadas as diferenças na identificação e descrição de funções, tal como as diferenças nas estruturas linguísticas das duas línguas. Cada função é descrita em português e é seguida pela descrição da função correspondente em inglês, com indicadas diferenças na terminologia, enquanto no final do capítulo são identificadas as funções que não têm a função correspondente nas descrições gramaticais. A segunda parte do trabalho mostra as principais semelhanças e diferenças em todas as descrições nas gramáticas das duas línguas.

PALAVRAS-CHAVE: sintaxe, funções sintáticas, língua portuguesa, língua inglesa

ÍNDICE

1. INTRODUÇÃO.....	1
2. AS FUNÇÕES SINTÁTICAS.....	2
2.1 O sujeito	3
2.1.1 Em português	3
2.1.2 Em inglês	8
2.2. O predicado	10
2.2.1 Em português	10
2.2.2 Em inglês	14
2.3 O objeto	14
2.3.1 Em português	14
2.3.2 Em inglês	19
2.4 O predicativo do sujeito	22
2.4.1 Em português	22
2.4.2 Em inglês	23
2.5 O predicativo do objeto	24
2.5.1 Em português	24
2.5.2 Em inglês	26
2.6 Os adjuntos.....	27
2.6.1 Em português	27
2.6.2 Em inglês	31
2.7 Outras funções sintáticas em inglês e português.....	34
3. PORTUGUÊS E INGLÊS EM CONTRASTE	37
4. CONCLUSÃO.....	41
BIBLIOGRAFIA	43

1. INTRODUÇÃO

A sintaxe de uma língua é o conjunto das regras que dirigem a construção de frases nesta língua. Os elementos essenciais na sintaxe de cada língua são o sujeito e o predicado. Estes elementos formam uma estrutura básica das orações e contêm vários elementos que complementam o seu significado, como por exemplo complementos verbais e complementos nominais, tal como elementos opcionais que podem ser omitidos.

Este trabalho assenta-se no campo da sintaxe e pretende observar as diferenças entre as descrições das funções sintáticas nas gramáticas contemporâneas mais importantes da língua portuguesa e da língua inglesa. Estas são: *Nova Gramática do Português Contemporâneo* de Cunha e Cintra, *Gramática da Língua Portuguesa* de Mateus et al., *Gramática do português: Volume I* de Raposo et al., *Longman Grammar of Spoken and Written English* de Biber et al., *The Cambridge Grammar of the English Language* de Huddleston e Pullum e *A Comprehensive Grammar of the English Language* de Quirk et al.

Mais precisamente, o objetivo do trabalho é comparar em linhas gerais as descrições das funções sintáticas nas três gramáticas de português e três gramáticas de inglês; isso é, comparar as definições, classificações e exemplos das funções identificadas, e destacar as diferenças e semelhanças entre as duas línguas referidas. Para isso, a primeira parte do trabalho, que é a parte teórica, descreve os elementos obrigatórios e opcionais, em primeiro lugar na língua portuguesa, seguido pela secção com a descrição da função correspondente na língua inglesa, segundo as gramáticas de ambas as línguas.

Na segunda parte encontra-se a análise das descrições das funções sintáticas em português e inglês com apoio nos princípios gramaticais apresentados na primeira parte. São comparados as definições e os exemplos retirados das seis gramáticas e apontadas as diferenças e semelhanças que existem entre as funções correspondentes nas duas línguas. A partir da análise das funções identificadas e descritas na parte teórica, destacamos os pontos mais importantes que relacionam ou separam as línguas referidas.

Para finalizar, é apresentada a lista das referências bibliográficas consultadas para a elaboração deste trabalho.

2. AS FUNÇÕES SINTÁTICAS

A frase é a unidade mínima de comunicação, e é sempre acompanhada de uma entoação específica. Os termos essenciais de uma frase são o sujeito e o predicado. Estes são duas funções sintáticas, ou relações gramaticais. Conforme Eliseu (2008, p. 47) as funções sintáticas são atribuídas aos constituintes em virtude da posição estrutural em que ocorrem. O sujeito e predicado são as funções sintáticas nucleares, e elas são atribuídas ao sintagma nominal imediatamente dominado pela frase e ao sintagma verbal, respetivamente.

Podemos também destacar uma estrutura hierárquica de grupos de palavras, que é o denominador comum da comparação da análise da frase simples em constituintes e da análise tradicional em sujeito e predicado, e do predicado num verbo e nos seus complementos (Raposo et al., 2013, p. 351). A análise moderna classifica os grupos segundo a classe de palavras a que pertence o seu núcleo em sintagmas nominais, verbais, preposicionais etc. Na análise tradicional, os constituintes classificam-se segundo a função que têm numa articulação lógico-semântica da frase em predicado, sujeito, complementos etc.

Tal como em português, cada frase na língua inglesa pode ser dividida em sujeito e predicado (*subject* e *predicate*). O predicado pode ser dividido em *verb phrase* (que consiste do verbo auxiliar e o verbo principal) e os vários complementos (ao contrário, o termo “sintagma verbal” em português inclui o verbo e os complementos). O *verb phrase* é sempre o predicador, e por isso os autores usam a expressão *verb phrase* com dois significados: como um constituinte da frase e como o nome da função sintática (por outro lado, Huddleston e Pullum (2002, p. 215) usam o termo *predicator* em vez de *verb phrase*).

A análise das funções sintáticas pode ser baseada na noção dos argumentos, como é o caso com a obra de Raposo et al. (2013, 360-364). O conceito básico deste sistema é o seguinte: um predicador combina-se com argumentos, ou seja, com expressões que lhe completam o sentido e sem os quais não pode formar uma frase semanticamente coerente e completa. Os argumentos representam entidades às quais são atribuídas propriedades, que entram num tipo de relação ou que participam nas situações descritas nas frases. Em linguística, diz-se que um predicador seleciona os seus argumentos, com os quais forma uma frase gramatical. Os argumentos podem ser os sintagmas nominais, sintagmas preposicionais ou orações finitas e

infinitivas. Cada predicador seleciona um determinado número de argumentos. A maioria dos predicadores seleciona entre um e três argumentos, embora existam alguns predicadores que não selecionam qualquer argumento e alguns que selecionam quatro argumentos. A seguir são enumerados os exemplos do predicador de zero lugares, de um lugar (predicador unário), de dois lugares (predicador binário), de três lugares (predicador ternário) e de quatro lugares (predicador quaternário), nesta ordem (exemplos de Raposo et al., 2013, p. 362-363):

- (a) Chove.
- (b) **A Barbara** | adormeceu.
- (c) **A Maria** | leu | **um livro do Tintim**.
- (d) **Eles** | entregaram | **o livro** | **à professora**.
- (e) **O Pedrinho** | trouxe | **a bola** | **do jardim** | **para a rua**.

A classificação dos verbos pode ser baseada em número dos argumentos de um verbo (Eliseu, 2008, p. 60). Os verbos de zero lugares são denominados os verbos impessoais, os verbos de um lugar são os verbos intransitivos, os verbos de dois lugares são os verbos transitivos (que selecionam o sujeito e o objeto direto) e os verbos transitivos indiretos (que selecionam o sujeito e o objeto indireto ou oblíquo), os verbos de três lugares são os verbos ditransitivos (que selecionam o sujeito, o objeto direto e o objeto indireto) ou verbos transitivos de três lugares (que selecionam o sujeito, o objeto direto e oblíquo).

Tal como em português, nas gramáticas inglesas existem vários critérios que podem ajudar na distinção das funções sintáticas. Sujeitos e objetos normalmente são sintagmas nominais, complementos são sintagmas nominais ou adjetivas, o predicador é sempre um verbo, enquanto adjuntos podem ser sintagmas adverbiais, preposicionais ou nominais. Estes são critérios formais, mas quando estes não são suficientes, usam-se critérios funcionais para distinguir entre os elementos da frase. A distinção pode ser baseada na forma, posição ou significado (Quirk et al., 1985, p. 724).

2.1 O sujeito

2.1.1 Em português

Podemos definir o sujeito como o ser sobre o qual se faz uma declaração e cuja posição na ordem direta é à esquerda do verbo (Cunha e Cintra, 1998, p. 122). É sempre um sintagma nominal. Mateus et al. (2004, p. 281) adicionam que ao sujeito é dada maior proeminência sintática.

Os sujeitos da primeira e segunda pessoa são os pronomes pessoais no singular ou plural (por exemplo eu, tu, tu e ele, nós). Os sujeitos da terceira pessoa podem ter vários tipos de palavras e expressões como núcleo. Estes podem ser as seguintes (exemplos (1)-(23) de Cunha e Cintra (1998, p. 125-132)):

- um substantivo:

(1) **Os olhos** dela estavam secos.

- os pronomes pessoais:

(2) **Ele** arrumava a gravata, **ela** ajeitava o chapéu.

- os pronomes demonstrativos, relativos, interrogativos ou indefinidos:

(3) **Isto** não lhe arrefece o ânimo?

Quem disse isso?

Tudo parara ao redor de nós.

- um numeral:

(4) Os **dois** riram-se satisfeitos.

Ambos alteraram os roteiros originais.

- uma expressão substantivada:

(5) O **por fazer** é só com Deus.

Infanta, no exílio amargo,

só o **existirdes** me consola.

- uma oração substantiva subjetiva:

(6) Era forçoso **que fosse assim**.

O sujeito também pode ser simples e composto. O sujeito é simples quando tem só um núcleo, isto é, só um substantivo, uma expressão substantivada, um pronome, etc. O sujeito composto tem mais de um núcleo, como nos exemplos seguintes:

(7) As **vozes** e os **passos** aproximam-se.

(8) **Ele** e **eu** somos da mesma raça.

(9) Falam por mim **os abandonados de justiça, os simples de coração.**

(10) Dir-se-ia **que o pano do palco se havia levantado e que iam surgir, pelas entradas laterais, as demais figuras de peça.**

Também é possível que dois tipos de núcleo formam um sujeito composto. A combinação mais frequente é de pronome e substantivo:

(11) Éramos meu **pai e eu.**

E **um** negro, negro **cavalo.**

Em certas estruturas não existe nenhuma expressão observável com a função sintática do sujeito (Mateus et al., 2004, p. 282-283). Este tipo do sujeito não é realizado foneticamente e é denominado sujeito nulo. Porque é possível criar as frases gramaticamente corretas sem o sujeito lexicalmente observável, o português pertence às línguas do sujeito nulo (*pro-drop languages*), ao contrário do inglês. Existem três categorias do sujeito nulo: o sujeito nulo subentendido, cujo referente é recuperável contextualmente pela pessoa verbal, o sujeito nulo indeterminado, de referência não definida e não específica, e o sujeito nulo expletivo que não tem qualquer interpretação.

O sujeito nulo subentendido é denominado o sujeito oculto por Cunha e Cintra (1998, p. 128), e o sujeito argumental por Mateus et al. (2004, p. 282). É descrito como o sujeito que não está materialmente expresso na oração, mas pode ser identificado pela desinência verbal (exemplo (12)) ou pela presença do sujeito em outra oração do mesmo período ou de período contíguo (exemplo (13)):

(12) Ficamos um bocado sem falar.

(13) **Soropita** ali viera, na véspera, lá dormira; e agora retornava a casa.

O sujeito indeterminado, ou o sujeito com interpretação arbitrária conforme Mateus et al. (2004, p. 282) encontra-se nas frases nas quais o verbo não se refere a uma pessoa determinada, ou por se desconhecer quem executa a ação, ou por não haver interesse no seu conhecimento. Nestes casos, põe-se o verbo:

- na terceira pessoa do plural:

(14) **Contaram-me**, quando eu era pequeninha, a história duns naufragos, como nós.

- na terceira pessoa do singular:

(15) Ainda **se vivia** num mundo de certezas.

O sujeito nulo expletivo é denominado o sujeito inexistente na gramática tradicional (Cunha e Cintra, 1998, p. 130). Nestas frases o verbo é impessoal e o sujeito não é realizado foneticamente e lexicalmente. Os exemplos mais frequentes do sujeito nulo expletivo são as frases com verbos que denotam fenómenos da natureza (como no exemplo (16)), com o verbo *haver* com o significado de *existir* (como no exemplo (17)), com os verbos *haver*, *fazer* e *ir*, quando indicam tempo decorrido (como no exemplo (18)) e com o verbo *ser*, quando indica o tempo em geral (como no exemplo (19)).

(16) **Chove**.

(17) Ainda **há** jasmims, ainda **há** rosas...

(18) **Faz** hoje oito dias que comecei.

(19) **Era** inverno na certa no alto sertão.

Nas variedades não-padrão de português europeu também foram notadas as ocorrências de *ele* expletivo (Carrilho, 2008, p. 14). Este tipo do sujeito ocorre nas línguas que permitem a ausência do sujeito foneticamente visível, isto é, nas línguas de sujeito nulo, quando ocorre um elemento que pela forma (*ele*) e pelos contextos em que surge evoca os sujeitos expletivos de línguas como o inglês (denominado *dummy subject*, que vamos mencionar no capítulo seguinte). Este elemento *ele* assume a forma de um pronome de terceira pessoa do singular masculino, mas não apresenta uma interpretação referencial. Normalmente acontece com os verbos impessoais e é entendido como “um sujeito expletivo visível” (Carrilho, 2008, p. 14). Ocorre nos registos informais, variedades populares e dialetos arcaizantes (exemplos de p. 14):

(20) Ah, se chover era melhor, mas **ele** não chove amanhã.

(21) Que **ele**, ainda hoje, há essa tradição, cá.

Conforme Cunha e Cintra (1998, p. 132), a função semântica do sujeito depende da voz da oração. Em orações ativas, o sujeito é o agente (exemplo (22)), mas em orações passivas, o sujeito é o paciente (exemplo (23)). No exemplo (24), a ação é simultaneamente exercida e sofrida pelo sujeito; por isso, o sujeito é a um tempo o agente e o paciente da oração.

(22) **Maria** levantou o menino.

(23) **O menino** foi levantado por Maria.

(24) **Maria** levantou-se.

O sujeito em português tipicamente precede o predicado, mas, ao contrário de inglês, esta ordem pode ser alterada quando se usam os fenómenos semânticos como a topicalização e a focalização, como no exemplo seguinte (Raposo et al., 2013, p. 353):

(25) **O Pedro** entregou o exame.

Entregou o exame **o Pedro** (não o Paulo).

Para identificar o sujeito de uma frase, também é possível usar alguns testes (Mateus et al., 2004, exemplos (26)-(30) de p. 283-284):

- o constituinte pode ser substituído pela forma nominativa do pronome pessoal (se for de natureza nominal) ou por uma forma tónica neutra do pronome demonstrativo (se for de natureza frásica):

(26) **(O miúdo que está a jogar à bola)** comeu um gelado.

Ele comeu um gelado.

- pode construir-se a estrutura em que o sujeito ocorra em posição de contraste com o resto da frase:

(27) Foi **(o miúdo que está a jogar à bola)** que comeu um gelado.

*Foi **(o miúdo)** que que estava a jogar à bola comeu um gelado.

Nesse último exemplo, porque a segunda frase não é gramaticalmente correta, o sujeito não é o constituinte que foi examinado.

- pode construir-se uma estrutura segundo o esquema *quem/o que* SINTAGMA VERBAL *ser* SUJEITO:

(28) Quem comeu um gelado foi **(o miúdo que está a jogar à bola)**.

*Quem que está a jogar à bola comeu um gelado foi **(o miúdo)**.

- pode formular-se uma questão segundo o esquema *quem/o que* + SINTAGMA VERBAL:

(29) Quem comeu um gelado?

O miúdo que está a jogar à bola.

- na voz passiva, o sujeito tem uma relação gramatical oblíqua e ocorre precedido da preposição *por*:

- (30) Um gelado foi comido pel(**o miúdo que está a jogar à bola**).

2.1.2 Em inglês

Na língua inglesa, o sujeito é normalmente um sintagma nominal, ocorre antes do verbo nas frases declarativas (exemplo (31)) e depois do verbo modal ou copulativo nas frases interrogativas (*yes-no interrogative clauses*) (exemplo (32)). Noutro tipo das orações interrogativas (*wh- interrogative clauses*) o princípio é o mesmo, com exceção que a palavra com *wh-* é o sujeito (exemplo (33)) (os exemplos (31)-(38) de Quirk et al., 1985, p. 725).

- (31) **Everybody** has left for the day.

- (32) Has **everybody** left for the day?

- (33) **What** has kept you so long?

O sujeito em inglês determina o número e a pessoa do verbo (exemplo (34)) e o número do complemento do sujeito (exemplo (35)). Também determina o número, a pessoa e o gênero dos pronomes reflexivos com a função do objeto direto, indireto ou outras (exemplo (36)), e aparece no caso nominativo dos pronomes (exemplo (37)).

- (34) **Nancy** knows my parents.

- (35) **Caroline and Vanessa** are my sisters.

- (36) **I** shaved **myself** with **my** own razor.

- (37) **He** likes me.

Além destas características, existe correspondência entre a voz passiva e ativa – o objeto de uma oração ativa torna-se o sujeito na oração passiva, e o sujeito é omitido ou se torna o complemento:

- (38) **My son** has prepared lunch today.

Lunch has been prepared by **my son** today.

Em relação ao significado, o sujeito em inglês também tem algumas características semelhantes às em português: normalmente, o sujeito é o tema da frase, refere às informações já conhecidas e tem a função do agente numa oração ativa. Também pode ter a função instrumental (Biber et al., 2000, p. 123):

- (39) **Tactics** can win you these games, but more often than not it is whether the players have the experience and the bottle.

Huddleston e Pullum (2002, p. 235) apontam que o sujeito é o complemento primário, porque na língua inglesa é a função obrigatória que pode sempre ser definida, como por exemplo nas orações imperativas onde o sujeito é ausente, mas implicado (exemplos de p. 235):

(40) Speak up.

(41) Listen!

Nestes exemplos, o sujeito não expresso diretamente é *you*. E porque esta possibilidade para definir o sujeito em cada oração não é o caso com outras funções sintáticas, o sujeito é descrito como complemento primário nas gramáticas analisadas neste trabalho.

Em inglês também existe um tipo do sujeito específico, que é o sujeito semanticamente vazio (*semantically empty* ou *non-referential subject*), mas observável foneticamente. Este sujeito não tem o significado referencial, mas é inserido para completar a estrutura gramatical da frase (exemplos de Biber et al., 2000, p. 125):

(42) **It** was not as cold as on the previous night.

(43) By the time you get back **it's** nine o'clock.

Este tipo do sujeito é denominado *dummy* ou *there subject* por Huddleston e Pullum (2002, p. 236). *Dummy subject* não tem o significado semântico, isto é, o sentido da frase é o mesmo, mas a posição da frase subordinada que tem a função do sujeito foi mudada (como no exemplo (44)) ou trata-se de uma frase existencial (exemplo (45)) (os exemplos de p. 236-241):

(44) *That he was guilty* was obvious to everyone.

It was obvious to everyone that he was guilty.

(45) *Several options* are open to us.

There are several options open for us.

Em contraste, na língua portuguesa, este tipo do sujeito não é foneticamente observável e as frases deste tipo são expressas pelo sujeito nulo expletivo (como no exemplo (16)). Mas, este tipo do sujeito podemos comparar com o sujeito expletivo *ele* que ocorre em português europeu informal (exemplos (20) e (21)) e não apresenta uma interpretação referencial, tal como o *dummy subject* em inglês.

Porque o sujeito e objeto podem ter a forma semelhante e frequentemente estão os nomes ou pronomes, Huddleston e Pullum (2002, p. 236) definem uma regra para distinção do sujeito do objeto, e isso é a posição: o sujeito na língua inglesa é normalmente posicionado antes do verbo, e o objeto é posicionado depois, como no exemplo:

(46) **You** heard their arguments.

Uma outra maneira de distinção pode ser o caso: o sujeito está no caso nominativo, e o objeto está no caso acusativo, como foi mencionado antes neste trabalho. Os outros critérios incluem a concordância com o verbo e a maneira de formação das questões. Também em inglês, não é possível existir mais de um sujeito numa frase (em contraste, é possível existirem dois objetos).

2.2. O predicado

2.2.1 Em português

O termo predicado designa uma expressão que denota ações, estados ou processos referentes ao sujeito da oração. Pode ser verbal, nominal ou verbo-nominal. O predicado nominal ocorre nas frases com os verbos copulativos, depois dos quais é seguido pelo constituinte com a função sintática de predicativo, que é obrigatória. Conforme Cunha e Cintra (1998, p. 133-134), o verbo de ligação pode expressar:

- estado permanente:

(47) Hilário **era** o herdeiro da quinta.

- estado transitório:

(48) O velho **esteve** entre a vida e a morte durante uma semana.

- mudança de estado:

(49) Receava que eu **me tornasse** ingrato.

- continuidade de estado:

(50) Calada estava, calada **permaneceu**.

- aparência de estado:

(51) Ela **parecia** uma figura de retrato.

Estes verbos têm a função de estabelecer a união entre duas palavras ou expressões nominais. Alguns deles podem também ser os verbos plenos, cuja função é dar o significado. Por outro lado, o predicativo (que vai ser discutido nos capítulos seguintes) pode ser representado (exemplos (52)-(57) de Cunha e Cintra, 1998, p. 135-136):

- por substantivo ou expressão substantivada:

(52) O boato é um **vício** detestável.

- por adjetivo ou locução adjetiva:

(53) A praia estava **deserta**.

- por pronome:

(54) O mito é o nada que é **tudo**.

-por numeral:

(55) Tua alma o um que são **dois** quando dois são **um**...

- por oração substantiva predicativa:

(56) A verdade é **que eu nunca me ralara muito com isso**.

Existe também o predicativo pleonástico, que é o predicativo repetido, quando se deseja dar ênfase:

(57) **Arquiteto do Mosteiro de Santa Maria**, já **o** não sou.

No caso dos predicados verbais, o núcleo é um verbo da forma finita (isto é, uma forma verbal flexionada em tempo, modo, pessoa e número). O predicado verbal tem como núcleo um verbo pleno, um verbo que traz uma ideia nova ao sujeito. Pode ser intransitivo (exemplo (58)) ou transitivo (exemplo (59)) (exemplos de Cunha e Cintra, 1998, p. 136-138).

(58) **Sobe** a névoa... A sombra **desce**...

(59) Ele não **me agradece**, nem eu **lhe dou tempo**.

Mateus et al. (2004, p. 300) adicionam mais dois tipos dos verbos considerados intransitivos na tradição gramatical luso-brasileira – os verbos inergativos e inacusativos. Os verbos inergativos ou verdadeiros intransitivos são verbos que selecionam um argumento externo com a relação gramatical de sujeito (exemplos de p. 300):

(60) O bebé **espirrou**.

Por outro lado, os verbos inacusativos ou ergativos são verbos que selecionam um argumento interno que ocorre com a relação gramatical do sujeito:

(61) As rosas já **floriram**.

Estas duas classes de verbos determinam o esquema relacional. A diferença entre as duas classes é que o argumento dos verbos inergativos tem propriedades típicas de sujeito, enquanto o argumento dos verbos inacusativos exibe tanto propriedades de objeto direto como de sujeito. Por exemplo, as formas participiais de verbos inergativos não podem ocorrer nem em posição predicativa, nem em posição atributiva (exemplo (62)), enquanto as formas participiais de verbos inacusativos podem-no (exemplo (63)) (exemplos de Mateus et al., 2004, p. 301):

(62) *O rapaz esta **rido**.

*O rapaz **rido** é nosso amigo.

(63) O rapaz esta **desmaiado**.

O rapaz **desmaiado** é nosso amigo.

Os verbos transitivos podem ser diretos, indiretos ou diretos e indiretos ao mesmo tempo. Os verbos transitivos diretos transmitem a ação aos outros elementos sem o auxílio de preposição (exemplos de Cunha e Cintra, 1998, p. 136-138):

(64) **Vou** ver o doente.

Os verbos transitivos indiretos usam o auxílio de preposição:

(65) Da janela da cozinha, as mulheres **assistiam à cena**.

O termo da oração que completa o sentido do verbo transitivo direto é denominado como objeto direto, e o termo que completa o sentido do verbo transitivo indireto é chamado objeto indireto.

Os verbos que requerem objeto direto e objeto indireto simultaneamente são os verbos transitivos diretos e indiretos ao mesmo tempo:

(66) O sucesso do seu gesto não **deu paz ao Lomba**.

É importante mencionar que a análise da transitividade é feita de acordo com o texto e não isoladamente, porque um verbo pode estar empregado intransitivamente ou transitivamente nas sentenças diferentes.

No caso do predicado verbo-nominal, a frase é constituída pelo sujeito, verbo pleno e predicativo, isto é, este predicado possui dois núcleos significativos (exemplos de Cunha e Cintra, 1998, p. 138):

(67) Paulo **riu despreocupado**.

(68) Amélia **saiu** da igreja, **muito fatigada, muito pálida**.

O predicativo no predicado verbo-nominal pode também vir antecedido de preposição (exemplos de Cunha e Cintra, 1998, p. 139):

(69) O acto foi acusado **de ilegal**.

(70) Carlos saiu estudante e voltou **como doutor**.

Para identificar o predicado da frase, podemos usar os testes seguintes (exemplos de Mateus et al., 2004, p. 280):

- o predicado é resposta a uma questão da forma “*sujeito* fez o que? / o que aconteceu a *sujeito*?”

(71) O que fez o miúdo?

Comeu sofregamente o gelado.

- pode ocorrer em posição de contraste numa clivada, segundo o esquema “O que *sujeito* faz / acontece a *sujeito*?”

(72) O que o miúdo fez foi **comer sofregamente o gelado**.

- pode ser anteposto, antecedido do advérbio *lá*, deixando como cópia na posição original o núcleo verbal:

(73) **Lá comer sofregamente o gelado**, o miúdo comeu.

- pode ser recuperado em construções de despojamento da forma “e o *sujeito* também / mas o *sujeito* não?”

(74) O miúdo comeu sofregamente o gelado, e a miúda também (**comeu sofregamente o gelado**).

2.2.2 Em inglês

Os autores das gramáticas inglesas analisadas neste trabalho não descrevem detalhadamente o predicado como a função sintática, mas separam-no nos seus constituintes, com o *verb phrase* como o constituinte principal (Biber et al., 2000, p. 125). É a parte central de uma frase em dois sentidos: tipicamente é encontrado na posição medial, mas também determina a ocorrência dos outros elementos essenciais da frase, como o sujeito. O *verb phrase* é constituído pelo verbo lexical ou principal, denominado *main verb*, acompanhado por um ou mais verbos auxiliares (exemplo (75) de Biber et al., 2000, p. 100), e é a parte central de uma frase que seleciona os seus outros elementos. Nos casos específicos, o *verb phrase* pode ser constituído só pelo verbo auxiliar, como no caso da elipse (exemplo (76) de Biber et al., 2000, p. 101).

(75) The current year **has** definitely **started** well.

(76) She realized that she would never leave. She **couldn't**.

Por outro lado, Quirk et al. (1985, p. 79) apontam que não é preciso destacar o predicador como a função sintática separada em descrição da gramática inglesa, porque a sua única função é assentar o que é dito sobre o sujeito ou tópico da frase.

2.3 O objeto

2.3.1 Em português

a) O objeto direto

O objeto direto é o constituinte da frase que pode ser substituído pelos clíticos acusativos *o, a, os e as*. Na gramática de Raposo et al. (2013, p. 363) esta função sintática é denominada o complemento direto, e representa a entidade afetada pela ação. O objeto direto é o complemento de um verbo transitivo direto e tipicamente vem ligado ao verbo sem preposição. Tal como os outros complementos verbais, completa o sentido do verbo. Pode ser representado por (exemplos (77)-(86) de Cunha e Cintra, 1998, p. 142-144):

- substantivo:

(77) Não recebo **dinheiro** nenhum.

- pronome:

(78) Os jornais **nada** publicaram.

- numeral:

(79) Já tenho **seis** lá em casa, que mal faz inteirar **sete**?

- palavra ou expressão substantivada:

(80) Perscrutava na quietude o **inútil de sua vida**.

- oração substantiva:

(81) Não quero **que fiques triste**.

O objeto direto também pode ser preposicionado. O objeto direto preposicionado é normalmente regido da preposição *a* com os verbos que exprimem sentimentos, para evitar ambiguidade ou quando vem antecipado, como nos exemplos seguintes, respetivamente:

(82) Não amo **a ninguém**, Pedro.

(83) Sabeis, que **ao Mestre** vai matá-lo.

(84) **A homem pobre** ninguém roube.

Este tipo de objeto também pode ser expresso por pronome pessoal oblíquo tónico, como no exemplo seguinte:

(85) Não **a ti**, Cristo, odeio ou te não quero.

Existe mais um tipo do objeto direto, e isso é o objeto direto pleonástico. É usado quando se quer chamar a atenção para o objeto direto que precede o verbo e quando se repete:

(86) **Palavras** cria-as o tempo e o tempo **as** mata.

Mateus et al. (2004, p. 284) também definem o objeto nulo, que ocorre com certos verbos transitivos, quando o seu argumento interno direto tem uma interpretação arbitrária, i.e., não definida (exemplo (87)), em construções de sujeito nulo com verbos transitivos (exemplo (88)), ou em construções de objeto nulo (exemplo (89)) (exemplos de p. 285):

(87) O João leu toda a noite.

(88) O João comeu **uma tarte?**

- Comeu.

(89) Tens visto o **Pedro?**

- Vi ontem na conferência, mas não falei com ele.

Para identificar o objeto direto, podem usar-se os testes seguintes: pode substituir-se o objeto direto pela forma acusativa do pronome pessoal, por uma forma tónica neutra do pronome demonstrativo em posição pós-verbal ou pelo clítico demonstrativo invariável *-o* (exemplo (90)); pode formular-se uma interrogativa sobre o objeto direto segundo o esquema “Quem/o que é que *sujeito verbo?*” (exemplo (91)); o objeto direto de uma frase ativa tem a função do sujeito na passiva correspondente (exemplo (92)) (exemplos de Mateus et al., 2004, p. 288):

(90) Eles compraram **esse livro** em Londres.

Eles compraram-**no** em Londres.

(91) O que é que eles compraram em Londres?

Esse livro.

(92) **Esse livro** foi comprado por eles em Londres.

b) O objeto indireto

Podemos definir o objeto indireto como um sintagma preposicional, formado pela preposição *a* seguida do sintagma nominal, que pode ser substituído por uma forma do clítico dativo (Cunha e Cintra, 1998, p. 144). Na gramática do Raposo et al. (2013, p. 363), o objeto indireto é denominado o complemento indireto. Nesta gramática, o complemento é definido estritamente como um tipo de argumento. Os autores destacam (p. 369) que este ponto é muito importante, porque nem todos os sistemas gramaticais impõem esta característica na definição de

complemento. Por isso, os exemplos e definições podem diferenciar-se das descrições nas outras gramáticas portuguesas, que não usam este tipo de classificação.

O objeto indireto pode ser representado por (exemplos de Cunha e Cintra, 1998, p. 144-146):

- substantivo:

(93) Duvidava **da riqueza da terra**.

- pronome:

(94) Que ela afaste **de ti** aquelas dores
Que fizeram **de mim** isto que sou!

- numeral:

(95) Os domingos, porém, pertenciam **aos dois**.

- palavra ou expressão substantivada:

(96) Mas – quem daria dinheiro **aos pobres?**

- oração substantiva:

(97) Não te esqueças **de que a obediência é o primeiro voto das noviças**.

Tal como o objeto direto, o objeto indireto pode ser pleonástico – é habitual repeti-lo em certas estruturas:

(98) **Aos meus escritos**, não **lhes** dava importância nenhuma.

As propriedades do objeto indireto são as seguintes: é tipicamente um ser vivo; quando é um pronome pessoal, apresenta a forma dativa; normalmente ocorre nas frases básicas imediatamente à direita do objeto direto, adjacente ao verbo se for um pronome clítico, ou à direita do verbo se o objeto direto for um sintagma pesado. Estas características são aparentes no exemplo (99) (de Mateus et al., 2004, p. 289):

(99) O João ofereceu um CD **ao Pedro**.

Além disso, podem usar-se alguns testes para identificar o objeto indireto: pode substituir-se pela forma dativa do pronome pessoal (exemplo (100)), ou pode formular-se uma questão segundo a esquema “A quem/a que é que *sujeito verbo (objeto direto)*” (exemplo (101)) (exemplos de Mateus et al., 2004, p. 289-290).

- (100) O miúdo deu o brinquedo **ao amigo**.
O miúdo deu-**lhe** o brinquedo.
- (101) A quem é que o miúdo deu o brinquedo?
Ao amigo.

c) O complemento oblíquo

Raposo et al. (2013, p. 368) classificam este tipo do objeto como o complemento oblíquo, que não é direto nem indireto. Tipicamente são os sintagmas preposicionais e quando são pronomes, realizam-se através da forma seguinte: mim, ti, nós, vós, ele(s), ela(s)), as quais seguem a preposição (exemplos de Raposo et al., 2013, p. 368):

- (102) A Maria pensou **nos seus filhos**.
(103) A Maria pensou **em mim**.

Entre os complementos oblíquos, destacam-se os que representam localizações espaciais:

- (104) A Maria está **em Roma**.
(105) A Maria vai **a Roma**.

Nestes casos, os sintagmas são substituíveis por advérbios locativos como *aqui, ali, acolá* etc. Os complementos oblíquos de verbos de medida que exprimem o valor numa escala quantitativa são os sintagmas nominais, ou seja, não são introduzidos pela preposição:

- (106) O livro custou **vinte euros**.
(107) O concerto durou **duas horas**.

Embora sejam sintagmas nominais, estes complementos não são diretos porque não são substituíveis por um pronome acusativo e não têm uma frase correspondente passiva na qual o complemento ocorre como o sujeito.

Mateus et al. (2004, p. 294) também usam esta terminologia do complemento oblíquo, mas em vez de separar o complemento oblíquo como um dos tipos do objeto como Raposo et al., os autores fazem distinção entre o complemento oblíquo obrigatório (o objeto oblíquo) e os

adjuntos. Para distinguir os complementos oblíquos dos adjuntos, os autores usam o teste seguinte (exemplo de p. 294-295):

- os complementos oblíquos não podem ocorrer num interrogativa segundo o esquema *O que é que SU fez OBL? / O que é que aconteceu a SU OBL?*

(108) *O que é que o João fez na estante?

- Pôs o livro.

2.3.2 Em inglês

a) *O objeto direto*

Na língua inglesa, o objeto direto (*direct object*) é normalmente um sintagma nominal, é posicionado depois do sujeito e o *verb phrase*, requer forma do acusativo dos pronomes ou o pronome reflexivo se for referenciado com o sujeito, tipicamente pode ser o sujeito da frase passiva correspondente e refere à entidade afetada pela ação da frase (Quirk et al., 1985, p. 726-727). O objeto direto pode ser identificado se formarmos uma questão com *who* ou *what* que exige inversão (exemplo de p. 728):

(109) The buzzer signals **the end of the game.**

What does the buzzer signal?

O objeto direto é encontrado só com os verbos transitivos (isto também inclui os verbos ditransitivos). Conforme Huddleston e Pullum (2002, p. 245), o objeto direto é obrigatório na maioria das frases com verbos ditransitivos, onde o objeto indireto pode omitir-se. Normalmente o objeto direto é posicionado à direita do verbo. Esta ordem só pode ser alterada nas poucas exceções como no exemplo seguinte (exemplo de p. 247):

(110) He brought in **the clothes.**

*He brought in it.

A segunda frase não é gramaticamente correta porque esta mesma exceção não é válida quando o objeto é o pronome pessoal.

O objeto direto pode ter várias funções semânticas (Biber et al., 2000, p. 126) como por exemplo o resultado, o locutivo e o instrumental, que são demonstradas nos exemplos seguintes, respetivamente:

- (111) But then to be fair, I cannot recall any colleague who could paint **a self-portrait** with absolute honesty.
- (112) Desperately thirsting for black blood, without which it could not live, the dragon swam **the Ohio** at will.
- (113) He took a walk about the streets, kicking **his feet** in the sea of dry leaves on the pavement.

Tal como *dummy subject*, em inglês também existe o *dummy object* ou *semantically empty object*. Este tipo de objeto não tem o significado referencial, mas é foneticamente expresso (exemplos de Biber et al., 2000, p. 127-128).

- (114) He squashed her with a look, exchanging eye signals with Bobby that it was time to beat **it**.
- (115) We thought **it necessary to postpone the meeting**.

A ordem dos objetos numa frase também é tipicamente definida, e pode influenciar o significado (exemplos de Huddleston e Pullum, 2002, p. 248):

- (116) They offered **all the overseas students one of the experienced tutors**.
- (117) They offered **one of the experienced tutors all the overseas students**.

Neste caso, só a ordem define qual elemento é o objeto direto, e qual é o objeto indireto. Com esta mudança, as funções semânticas dos dois objetos também mudam.

b) O objeto indireto

O objeto indireto em inglês é também tipicamente um sintagma nominal posicionado depois do sujeito, predicado e objeto direto, requer forma dativa dos pronomes ou o pronome reflexivo se for referenciado com o sujeito e normalmente corresponde com um sintagma

preposicional, que pode ser posicionado depois do objeto direto como no exemplo (exemplo de Quirk et al., 1985, p. 727):

- (118) I'll send **Charles** another copy.
I'll send another copy **to Charles**.

O objeto indireto pode omitir-se em alguns casos sem afetar as relações semânticas (exemplo (119), de p. 727)), e a sua função semântica é tipicamente um ser vivo que é o recipiente de uma ação.

- (119) David saved **me** a seat.
David saved a seat.

Os falantes do inglês usam dois tipos das questões para referir ao objeto indireto. É possível usar a combinação de *who* no início da pergunta, e *to* no fim, ou pode se dizer *to whom* no início (exemplo (120) de Quirk et al., 1985, p. 728). A maneira com o sintagma *to whom* é considerada mais formal.

- (120) **Who** did the detective show his badge **to**?
To whom did the detective show his badge?

O objeto indireto nas frases com verbos ditransitivos podemos definir como o segundo objeto de uma frase básica, e fazer a distinção com o objeto direto que é o objeto primeiro neste tipo de frases, ou o único objeto nas frases com só um objeto (Huddleston e Pullum, 2002, p. 251). Nas frases com os verbos ditransitivos, o objeto indireto pode omitir-se (de p. 245):

- (121) She offered **us** \$400 for it.
She offered \$400 for it.

c) *O objeto preposicional*

As gramáticas inglesas distinguem mais um tipo do objeto – o objeto preposicional (*prepositional object*). Enquanto Quirk et al. (1985) não fazem esta distinção, Biber et al. (2000, p. 129) enumeram as características seguintes: os objetos preposicionais ocorrem com os verbos preposicionais, são realizados pelos sintagmas nominais ou a forma acusativa dos pronomes, são

posicionados depois do predicado e têm o complemento da preposição que correspondia com o sujeito da frase passiva equivalente. Um exemplo do objeto preposicional é seguinte (de p. 129):

(122) Perhaps, he thought, it was better when one did not have to rely on **other people**.

Esta preposição é o que liga o verbo e o objeto preposicional. Os objetos preposicionais e indiretos são semelhantes porque exigem um elemento em médio (uma preposição ou o objeto direto). A correspondência é mais óbvia nas frases seguintes (de p. 130):

(123) He gave **Carrie** a ring.

(124) He gave a ring **to Carrie**.

A análise tradicional considera este tipo do objeto também um tipo do objeto indireto (como na obra de Quirk et al.), mas a análise moderna faz distinção entre os dois tipos do objeto como as categorias separadas (como na obra do Biber et al., 2000, e Huddleston e Pullum, 2002).

2.4 O predicativo do sujeito

2.4.1 Em português

O predicativo do sujeito é o constituinte do predicado das orações com os verbos copulativos, que ocorrem obrigatoriamente com um predicativo. Podem ser os sintagmas adjetivais, nominais e preposicionais. O predicativo do sujeito atribui características ao sujeito. As características básicas do predicativo do sujeito são descritas na lista seguinte (exemplos de Mateus et al., 2004, p. 291-292):

- concorda em género e número com o sujeito:

(125) Ela anda **cansada**.

A Maria é **escultora**.

- não concorda com o sujeito se for uma expressão nominal qualitativa (como um epíteto):

(126) Os teus amigos são **um amor**.

- se o verbo é usado impessoalmente, concorda com o predicado:

(127) São **duas horas**.

É mais fácil identificar o predicativo do sujeito usando a substituição pelo clítico demonstrativo invariável *-o*:

- (128) A Maria é inteligente?
- Sim, é-**o**.

2.4.2 Em inglês

Quirk et al. (1985, p. 728) explicam que o predicativo do sujeito (nesta obra chamado o *subject complement*) está em relação com o sujeito através do verbo copulativo, como nos exemplos seguintes (de p. 728):

- (129) My glass is **empty**.
(130) Their daughter has become **an accountant**.

O predicativo do sujeito é tipicamente um sintagma nominal ou adjetival. Normalmente é posicionado depois do sujeito e verbo, e existe uma concordância com o sujeito. Também existe uma diferença na formalidade quando o predicativo do sujeito é um pronome (de p. 729):

- (131) This is **he**.
This is **him**.

A forma do caso nominativo é predominante no registo formal, especialmente nos Estados Unidos.

O predicativo do sujeito classifica-se no predicativo do sujeito descritivo e predicativo do sujeito resultativo (Huddleston e Pullum, 2002, p. 251). Os dois tipos são apresentados nos exemplos (de p. 251):

- (132) Kim seemed **angry**.
(133) Kim became **angry**.

No exemplo (132), o predicativo mostra uma característica do sujeito num momento, sem qualquer fator de mudança. No exemplo (133), o predicativo resultativo denota a mudança do estado no final do qualquer processo.

O predicativo do sujeito pode aparecer como o complemento da preposição em vez de ser relacionado diretamente com o verbo, e mais frequentemente com a preposição *as* (exemplos de Huddleston e Pullum, 2002, p. 255):

(134) That counts as **excellent**.

(135) She served as **treasurer**.

Também, o predicativo do sujeito não é só introduzido pelo verbo copulativo do tipo *to be*. Existem alguns verbos plenos como *constitute*, *provide*, *represent*, que funcionam como os verbos copulativos, e por isso, relacionam o sujeito com o predicativo do sujeito (Huddleston e Pullum, 2002, p. 255):

(136) This proposal represents a **serious threat to our standard of living**.

O predicativo do sujeito pode ser opcional ou obrigatório, como nos exemplos a seguir (Huddleston e Pullum, 2002, p. 261):

(137) Kim became **ill**.

(138) They departed **content**.

O predicativo *ill* não pode ser omitido porque isso tornaria a frase não gramatical, enquanto é possível omitir o predicativo *content* sem fazer mudanças no resto da frase. Os ambos adjetivos têm a função do predicativo do sujeito.

2.5 O predicativo do objeto

2.5.1 Em português

O predicativo do objeto é o constituinte do predicado nas orações com verbos transitivos-predicativos, ou seja, que ocorrem com um objeto direto e um predicativo. O predicativo do objeto afirma algo sobre o complemento direto e especifica as características deste complemento. Podemos dizer que o predicativo do objeto modifica os objetos. Só aparece no predicado verbo-nominal e é expresso (exemplos (139)-(143) de Cunha e Cintra, 1998, p. 147):

- por substantivo:

(139) Chamo-me **Aldemiro**.

- por adjetivo:

(140) Os trabalhadores da Gamboa julgam-no **assombrado**.

O predicativo do objeto também pode vir antecedido de preposição ou do conectivo *como*:

(141) Quaresma então explicou porque o tratavam **por major**.

(142) Considero-o **como o primeiro dos precursores do espírito moderno**.

Também é destacado que o predicativo do objeto indireto só pode ocorrer com o verbo *chamar*:

(143) Chamam-lhe **fascista** por toda a parte.

Com outros verbos que admitem este predicativo, o predicativo é sempre um modificador do objeto direto, e por isso é considerado por alguns linguistas o objeto direto, como por exemplo por Mateus et al. (2004, p. 290) que não mencionam o predicativo do objeto indireto, mas só do objeto direto. Definem este elemento como o selecionado pelo verbo quando o verbo pertence aos verbos transitivos-predicativos (exemplo (144)) ou quando se trata das construções resultativas (exemplo (145)) (exemplos de p. 290):

(144) Todos acharam o espetáculo **fabuloso**.

(145) Esse professor torna qualquer matéria **interessante**.

Para identificar o predicativo do objeto direto, podemos usar os testes enumerados por Mateus et al. (2004, p. 292-293):

- a oração encabeçada pelo predicativo do objeto pode ser recuperada sem realização lexical e pode ser substituída pelo clítico demonstrativo invariável *-o*:

(146) O João considera a Maria **simpática**?

- Sim, considera. / Sim, considera-o.

- a oração encabeçada pelo predicativo do objeto pode ser substituída por uma completiva finita:

(147) O João considera **que a Maria é simpática**.

- o predicativo do objeto pode ocorrer em posição de contraste numa construção clivada, contrariamente a adjetivos em posição atributiva internos ao constituinte com a relação gramatical de objeto direto:

(148) É **simpática** que o João considera a Maria.

2.5.2 Em inglês

O predicativo do objeto ou *object complement* pode ser definido como um complemento relacionado ao objeto direto como nos exemplos seguintes (de Quirk et al., 1985, p. 728):

(149) We find them **very pleasant**.

(150) Carol made Joshua and Peter **her assistants**.

Esta relação pode ser expressada também pela frase correspondente, mas com a estrutura SVC – isso é, sujeito – verbo – complemento do sujeito, com o verbo copulativo *be* se for o predicativo atributivo, ou *become* se for o predicativo resultativo (de p. 728):

(151) They are **very pleasant**.

(152) Joshua and Peter became **her assistants**.

O predicativo é normalmente um sintagma nominal ou adjetival. É tipicamente posicionado depois do objeto direto, e concorda com ele em número. Ao contrário do objeto, o predicativo do objeto não se torna o sujeito da frase passiva correspondente, mas o predicativo do sujeito (exemplo de Quirk et al., 1985, p. 729):

(153) His friends call him **Ted**.

He is called **Ted** by his friends.

O predicativo do objeto pode ser precedido por *as* ou *for* com alguns verbos, como *regard* ou *take* (exemplos de Biber et al., 2000, p. 130):

(154) They regard that as **an excuse**.

(155) You know sometimes I would almost take you for **a bloody Welshman?**

Esta função sintática pode ser classificada como o predicativo do objeto atributivo e resultativo, tal como o predicativo do sujeito (Huddleston e Pullum, 2002, p. 255). Os autores destacam a situação específica que pode ocorrer com o verbo *make* e criar ambiguidade que vai ser explicado nos exemplos seguintes (de p. 256):

(156) She made him **a good husband**.

(157) She made him **a good wife**.

(158) She made him **a teddy bear**.

No exemplo (156), *a good husband* é o exemplo prototípico do predicativo do objeto, e no exemplo (158), *a teddy bear* é o exemplo do objeto direto. Mas, no exemplo (157), *a good wife* descreve o sujeito e não objeto, como em (158). Por isso, este elemento é frequentemente definido como o predicativo. Por outro lado, Huddleston e Pullum (2002, p. 256) apontam que neste exemplo, *a good wife* deveria ser tratado como o objeto no exemplo (158) do ponto de vista sintático. As razões por isso são que, primeiro, o sintagma *a good wife* não pode ser substituído pelo sintagma adjetival ou um sintagma nominal básico (sem o artigo) como nos outros exemplos do predicativo do sujeito em inglês, e segundo, que esta oração pode ser descrita como uma frase com o objeto indireto opcional e objeto direto. O razão para não apoiar esta classificação é a inexistência do passivo correspondente em que o objeto se torna o sujeito, mas isso é também o caso com muitas outras frases com o objeto direto.

Os predicativos do objeto podem ser obrigatórios (exemplo (159)) e opcionais (exemplo (160)) (de Huddleston e Pullum (2002, p. 261):

(159) He made Kim **angry**.

(160) He washed it **clean**.

Os predicativos obrigatórios não podem ser omitidos sem a produção de oração não gramatical ou a mudança do significado.

2.6 Os adjuntos

2.6.1 Em português

Os adjuntos são os constituintes tradicionalmente denominados complementos circunstanciais, que podem ser classificados de acordo com o tipo de informação que trazem. Os adjuntos são os constituintes da frase que indicam qualquer circunstância e adicionam o significado. Como foi mencionado acima, Mateus et al. (2004, p. 294) classificam os

complementos oblíquos e os adjuntos como as relações oblíquas. Os adjuntos são opcionais e modificam o sintagma verbal (exemplo (161) de p. 294). Tipicamente são de natureza preposicional, adverbial ou frásica.

(161) Fico deprimida **quando chove semanas a fio**.

Existe um teste para distinguir os adjuntos dos complementos, dados por Mateus et al. (2004, p. 295) – os constituintes com relações gramaticais oblíquas que são adjuntos podem ocorrer nas interrogativas segundo o esquema *O que é que SU fez OBL? / O que é que aconteceu a SU OBL?* (exemplo (162) de p. 295):

(162) O que é que o meu amigo fez **para a Maria?**

Pintou esse quadro.

Por outro lado, na análise tradicional, na obra de Cunha e Cintra (1998, p. 150), os adjuntos são denominados os termos acessórios que se juntam a um nome ou verbo para lhes precisar o significado. Eles trazem uma nova informação, mas não são indispensáveis ao entendimento da oração. Os autores classificam-nos no adjunto adnominal, adjunto adverbial e o aposto.

O adjunto adnominal tem o valor adjetivo e serve para especificar ou delimitar o significado de um substantivo de qualquer função sintática. Pode ser expressado por (os exemplos (163)-(168) de Cunha e Cintra, 1998, p. 150-151):

- adjetivo:

(163) Na areia podemos fazer até castelos **soberbos**, onde abrigar o nosso **íntimo** sonho.

- locução adjetiva:

(164) Tinha uma memória **de prodígio**.

- artigo:

(165) **O** ovo é **a** cruz que **a** galinha carrega na vida.

- pronome adjetivo:

(166) Deposito a **minha** dona no limiar da **sua** moradia.

- numeral:

(167) Casara-se havia **duas** semanas.

- oração adjetiva:

(168) Os cabelos, **que tinha fartos e lisos**, caíram-lhe todos.

O adjunto adverbial tem o valor adverbial que denota alguma circunstância do fato expresso pelo verbo, ou intensifica o seu sentido, de um adjetivo ou de um advérbio. Pode ser expressado por (exemplos (169)-(183) de Cunha e Cintra, 1998, p. 152-156):

- advérbio:

(169) **Aqui não** passa ninguém.

- locução ou expressão adverbial:

(170) **De súbito**, eu, o Barão e a criada começamos a dançar **no meio da sala**.

- oração adverbial:

(171) **Quando acordou**, já Lisa ali estava.

Existem muitos tipos dos adjuntos adverbiais, que às vezes não podem ser classificados sem o contexto. Alguns deles são:

- de causa:

(172) **Por que** lhes dais tanta dor?

- de companhia:

(173) Vivi **com Daniel** perto de dois anos.

- de dúvida:

(174) **Talvez** Nina tivesse razão...

- de fim:

(175) Viaja então para se contrafazer, **por penitência?**

- de instrumento:

(176) Dou-te **com o chicote**, ouviste!

- de intensidade:

(177) Gosto **muito** de ti.

- de lugar aonde/donde/para onde:

(178) Cheguei **à taberna do velho** ao fim da tarde.

- de matéria:

(179) Escrevia-a **com a pena da galhofa e a tinta da melancolia**.

- de meio:

- (180) Voltamos **de bote** para a ponta do Caju.
- de modo:
- (181) **Vagarosamente** ela foi recolhendo o fio.
- de negação:
- (182) **Não** partas, **não!** Aqui todos te querem!
- de tempo:
- (183) A Custódia esteve **cinco anos** na clausura.

Conforme Cunha e Cintra (1998, p. 156), o aposto tem o caráter nominal e junta-se a um substantivo, pronome ou um equivalente destes, ou a título de explicação ou de apreciação. Existe uma pausa entre o aposto e o termo a que se refere, normalmente escrita por uma vírgula (exemplos (184)-(193) de p. 156-159):

- (184) Eles, **os pobres desesperados**, tinham uma euforia de fantoches.

Mas também é possível não haver pausa entre os dois termos, quando esta é um termo genérico, especificado ou individualizado pelo aposto:

- (185) A cidade **de Lisboa**
(186) O poeta **Bilac**

Este aposto é denominado o aposto de especificação e é diferente das certas construções semelhantes em forma cuja função é o atributo ou adjunto adnominal, como nos exemplos:

- (187) O clima **de Lisboa**
(188) O soneto **de Bilac**

O aposto pode também ser representado por uma oração (exemplo (189)), referir-se a uma oração inteira (exemplo (190)), ser enumerativo (exemplo (191)) ou recapitulativo (exemplo (192)):

- (189) A verdade é esta: **não fala a bem dizer com acento algum.**
(190) O importante é saber para onde puxa mais a corredeira – **coisa**, aliás, **sem grandes mistérios.**

(191) Tudo o fazia lembrar-se dela: **a manhã, os pássaros, o mar, o azul do céu, as flores, os campos, os jardins, a relva, as casas, as fontes, sobretudo as fontes, principalmente as fontes!**

(192) Os porcos do chiqueiro, as galinhas, os pés de bogari, o cardeiro da estrada, as cajazeiras, o bode manso, **tudo** na casa de seu compadre parecia mais seguro do que dantes.

O aposto tem o mesmo valor sintático do termo a que se refere; por exemplo, se refere ao sujeito, tem o valor sintático do sujeito, etc. É interessante que também pode referir-se ao aposto, e por consequência ter o valor sintático do aposto:

(193) As crónicas da vila de Itaguaí dizem que em tempos remotos vivera ali um certo médico, o Dr. Simão Bacamarte, **filho da nobreza da terra e o maior dos médicos do Brasil, de Portugal e das Espanhas.**

É importante distinguir o aposto e o predicativo. O aposto atribui a um substantivo a propriedade representada por outro substantivo, e os dois termos designam sempre o mesmo ser, objeto ou facto. O predicativo, por outro lado, é o adjetivo que costuma vir separado do substantivo que modifica e é separado por uma pausa indicada geralmente por uma vírgula como nas orações seguintes (exemplos (194)-(196) de Cunha e Cintra, 1998, p. 159-160):

(194) E a noite vai descendo **muda e calma...**

(195) E a noite, **muda e calma**, vai descendo...

(196) E, **muda e calma**, a noite vai descendo...

Nestes exemplos, *muda e calma* é o predicado verbo-nominal.

2.6.2 Em inglês

Na língua inglesa, os adjuntos são denominados os *adverbials* na análise tradicional (Quirk et al., 1985, p. 729). Os adjuntos em inglês são a categoria mais diversa, e por isso existem vários tipos. Tipicamente são os sintagmas adverbiais ou preposicionais, e podem ocorrer mais de uma vez numa só frase. Não têm a posição fixa, e a sua posição é definida pela pragmática e não sintaxe. Normalmente são posicionados depois do verbo ou objeto, se foram obrigatórios, ou

na qualquer outra posição se foram opcionais – nesse caso, a sua omissão não influi no significado da oração. Geralmente referem nas circunstâncias da situação ou dão um comentário. Nos exemplos seguintes, os adjuntos são obrigatórios e relacionados ao sujeito. Podem exprimir a posição do referente em relação com sujeito (exemplo (197)), relação com objeto (exemplo 198)), relações espaciais (exemplo (199)), relações espaciais no senso metafórico (exemplo (200)) ou o tempo (exemplo (201)) (exemplos (197)-(201) de Quirk et al, 1985, p. 730-731).

(197) Your children are **outside**.

(198) I put the kettle **on the stove**.

(199) We got **off the train**.

(200) We got **into a heated argument**.

(201) The next meeting is **on Monday**.

As frases com os adjuntos opcionais e obrigatórios podem ser transformadas nas questões com *wh-*, como por exemplo *where*, *when*, *why* etc, com a exceção dos com significado metafórico ou com a função semântica do recebedor, meio, agente e algumas outras.

Os adjuntos podem ser classificados em: adjuntos das circunstâncias, do comentário e da ligação (*circumstance adverbials*, *stance adverbials* e *linking adverbials*, respetivamente) (Biber et al., 2000, p. 130-131). Os adjuntos das circunstâncias descrevem as condições da frase e respondem às questões como “quando”, “porque”, “como” e “onde”, e têm a função semântica do espaço, tempo, maneira etc. (exemplos (202)-(207) de Biber et al., 2000, p. 131-133). No exemplo (202), há cinco adjuntos diferentes nas várias posições e que descrevem as diferentes circunstâncias:

(202) It’s going to be tough **for a week or so** but they’ve got to get used to staying **on the floor**, I’m not having them **on the furniture all the time** because they just **about ruin it**.

Os adjuntos do comentário exprimem a atitude do locutor sobre o conteúdo. Tipicamente são separados prosodicamente ou ortograficamente do resto da frase e são mais móveis do que os adjuntos das circunstâncias:

(203) **Sadly**, it was impossible to keep up with the friends I had made in London.

É possível usar a mesma forma como um oblíquo das circunstâncias numa frase, e como um oblíquo do comentário na outra, dependente do contexto, especialmente quando se trata de um advérbio com o sílaba *-ly* no fim:

(204) She spoke **frankly** about herself now and then.

(205) **Frankly**, Kris didn't want to know.

Em (204), *frankly* descreve a maneira em que uma pessoa falou, e em (205) é o comentário do locutor. Tipicamente, os adjuntos das circunstâncias são posicionados depois do verbo e os adjuntos do comentário no início da frase. A diferença é que os das circunstâncias não podem mudar a sua posição, como os do comentário:

(206) ***Frankly** she spoke about herself now and then.

(207) Kris, **frankly**, didn't want to know.

Podemos concluir que os adjuntos das circunstâncias podem ser definidos como elementos centrais da frase como o sujeito ou objeto, e os adjuntos do comentário como os elementos periféricos.

Por outro lado, os adjuntos da ligação (Biber et al., 2000, p. 133) exprimem o tipo da ligação entre as orações. Também são periféricos em comparação com os adjuntos das circunstâncias, podem mudar a sua posição e são tipicamente separados prosodicamente ou ortograficamente, tal como os adjuntos do comentário. Este tipo dos adjuntos não responde a nenhuma questão (exemplos (208)-(210) de Biber et al., 2000, p. 133):

(208) You've got to go to Merseyside **though** for that.

É possível usar a mesma forma como o oblíquo da ligação e como o oblíquo das circunstâncias:

(209) I bet I walked **further** than you did today.

(210) **Further**, these atoms interact with each other and with their environment in unknown ways.

Este tipo dos adjuntos é usado mais frequente nos textos acadêmicos.

Huddleston e Pullum (2002, p. 773) usam a mesma classificação dos adjuntos descrita acima, mas com os nomes diferentes: o que Biber et al. denominam os adjuntos do comentário,

Huddleston e Pullum chamam *speech act-related adjuncts* ou adjuntos relacionados a atos da fala, e o que foi antes denominado os adjuntos da ligação (*linking adverbials*), os autores Huddleston e Pullum chamam *connective adjuncts*. Além destas categorias, adicionam a categoria dos adjuntos: *act-related adjuncts* (adjuntos relacionados a atos) (p. 675). A diferença entre esta categoria e os adjuntos da maneira é ilustrada nos exemplos seguintes:

(211) He answered the question **foolishly**.

(212) **Foolishly**, he answered two questions.

No exemplo (211), o adjunto *foolishly* descreve a maneira em que ele respondeu, e no exemplo (212) o fato que ele respondeu às duas questões é *foolish*; é uma avaliação deste ato.

Para concluir esta secção, seguem alguns exemplos com diferentes categorias semânticas dos adjuntos não mencionadas acima, mas enumeradas por Huddleston e Pullum (2002, p. 665) para demonstrar as várias funções que os adjuntos podem exprimir:

(213) They opened it **with a tin-opener**. (instrumento)

(214) Ken slept **for ten hours**. (duração)

(215) It was **already** light. (aspecto)

(216) We enjoyed it **very much**. (grau)

(217) We'll get there before dinner **if the train is on time**. (condição)

2.7 Outras funções sintáticas em inglês e português

a) agente da passiva

Cunha e Cintra (1998, p. 148) definem o agente da passiva como o complemento verbal que na voz passiva designa o ser que pratica a ação sofrida ou recebida pelo sujeito. É normalmente introduzido pela preposição *por*, e pode ser representado (exemplos de Cunha e Cintra (1998, p. 148):

- por substantivo ou palavra substantivada:

(218) Esta carta foi escrita **por um marinheiro** americano.

- por pronome:

(219) Ele **dela** é ignorado.

- por numeral:

(220) Não devem ser escutadas por todos; têm de ser ouvidas **por um**.

- por oração substantiva:

(221) Mariana era apreciada **por todos quantos iam a nossa casa, homens e senhoras**.

Os autores das gramáticas inglesas só discutem agente da passiva na área da semântica, e não como uma das funções sintáticas.

b) vocativo

Outra função específica e não identificada no campo de sintaxe nas outras gramáticas de português, mas destacada por Cunha e Cintra (1998, p. 160) é vocativo. Definem-no como o elemento não subordinado a nenhum outro termo da frase que serve para invocar, chamar ou nomear uma pessoa ou coisa personificada, como no exemplo seguinte:

(222) **Manuel**, tens razão. Venho tarde. Desculpa.

Embora não seja subordinado a nenhum outro termo da oração, o vocativo pode relacionar-se com algum dos termos, por exemplo o sujeito (exemplo (223)) ou objeto (exemplo (224)) (de Cunha e Cintra, 1998, p. 160-161):

(223) Dizei-me vós, **Senhor Deus!**

(224) **Ó lanchas**, Deus vos leve pela mão!

Os autores explicam que o vocativo é precedido de interjeição *ó!* quando se quer dar maior ênfase à frase, e que é normalmente isolado por vírgula ou seguido de ponto de exclamação.

Em inglês, o vocativo é sempre opcional, normalmente é um sintagma nominal e também serve para chamar alguma pessoa (Quirk et al, 1985, p. 773).

(225) **John**, dinner's ready!

O vocativo pode ocorrer na qualquer posição na frase e a função sintática mais próxima ao vocativo é o adjunto.

c) *operator*

Biber et al. (2000, p. 133) identificam mais uma função sintática em inglês: o operador (*the operator*). É o elemento encontrado só nas orações finitas, e é requerido em estruturas como nas interrogativas independentes e negativas. Pode ser realizado, como nos exemplos seguintes (de p. 134) por:

- o primeiro auxiliar do verbo:

(226) **Can** we give you a cheque?

- o auxiliar *do*:

(227) Where **does** she live?

- o verbo copulativo *be* ou raramente *have* (só em inglês britânico):

(228) **Are** you serious?

Também pode ser usado nas frases afirmativas para acentuar a sua verdade:

(229) I **do** think they have rather gone over the top.

3. PORTUGUÊS E INGLÊS EM CONTRASTE

A análise do capítulo anterior ajuda-nos a estabelecer as correspondências entre as funções sintáticas em português e inglês. Nesta seção pretendemos definir algumas regularidades entre as línguas portuguesa e inglesa referentes às funções sintáticas. Dos pares de definições e classificações equivalentes das gramáticas referidas, deduzimos as correlações entre as duas línguas na área das funções sintáticas.

Quando falamos do sujeito nas línguas referidas, trata-se da função que se refere a um ser sobre o qual se faz declaração, que é normalmente expresso por um ou mais sintagmas nominais posicionados à esquerda do verbo nas frases declarativas. Mas, em português, também é possível encontrar o sujeito em qualquer outra posição quando se usam os processos como a topicalização e focalização. A função semântica é o agente nas frases ativas, e o paciente nas frases passivas em ambas línguas. O que difere inglês do português é a representação do sujeito, quando se trata do sujeito nulo. O sujeito nulo subentendido em português pode ser definido pelo texto circunjacente nas frases declarativas, e o sujeito nulo expletivo é usado com os verbos impessoais. Por outro lado, na língua inglesa o sujeito é obrigatório, com exceção nas imperativas nas quais é implicado. O sujeito nulo subentendido não existe como a categoria nas gramáticas inglesas por causa de falta da conjugação da maioria dos verbos. As frases que contêm (ou seja, não contêm) o sujeito nulo expletivo na língua portuguesa, contêm o sujeito semanticamente vazio ou *dummy subject* nos seus equivalentes em inglês, que não tem o significado semântico, mas toma a posição obrigatória do sujeito e é representado foneticamente. Em português informal também existe o sujeito expletivo *ele* que não tem o significado referencial e é usado em contextos que evocam os contextos em que o *dummy sujeito* é usado em inglês. Este tipo do sujeito ocorre nas frases que nas frases correspondentes formais contêm o sujeito nulo.

Em relação ao predicado, em português, o predicado pode ser verbal, nominal ou verbo nominal. Existe também o predicado pleonástico quando se quer dar a ênfase. O predicado em inglês não é detalhadamente descrito nas gramáticas analisadas, mas o enfoque está no *verb phrase* como o constituinte principal do predicado. O predicador em português pode mudar a sua posição na oração; por outro lado, na língua inglesa, o *verb phrase* é a parte central da oração, tem a posição fixa e a única função do *verb phrase* em inglês é controlar os outros elementos da

oração. Nas gramáticas referidas neste trabalho o *verb phrase* não é descrito mais detalhadamente.

O objeto nas línguas analisadas pode ser classificado no objeto direto, objeto indireto e objeto oblíquo. O objeto direto em português e inglês é o complemento dos verbos transitivos e tipicamente não é antecedido pelas preposições. Os objetos diretos são expressos pelos sintagmas nominais ou pelas expressões substantivadas. Em português, existe também o objeto pleonástico, que se usa tal como o sujeito pleonástico, quando se quer dar a ênfase. Alguns autores mencionam também a ocorrência do objeto nulo que ocorre nas estruturas específicas. Em inglês, o objeto direto é posicionado depois do sujeito e o *verb phrase*, requer forma do acusativo dos pronomes e tipicamente pode ser o sujeito da frase passiva correspondente. O objeto direto representa a entidade afetada pela ação da frase e não pode ser omitido nas frases com os verbos ditransitivos, enquanto o objeto indireto pode omitir-se. Em inglês existe também o *dummy object* que se usa geralmente nas frases e expressões fixas, e é o objeto sem qualquer significado semântico, isso é, o objeto semanticamente vazio.

Por outro lado, o objeto indireto em português é tipicamente precedido pela preposição. Isto não é o caso em inglês, mas algumas frases que contêm o objeto indireto podem transformar-se de maneira que o sintagma nominal com a função do objeto indireto se torna um sintagma preposicional com a mesma função e o mesmo significado. Nas ambas línguas o objeto indireto apresenta um ser vivo na maioria dos casos. Em português pode falar-se sobre o objeto indireto pleonástico, tal como o sujeito ou objeto direto, que se usa para dar a ênfase.

O terceiro tipo do objeto é o objeto oblíquo ou preposicional, que alguns autores incluem na categoria do objeto indireto. Em português, é definido como o complemento não direto e não indireto, geralmente antecedido pela preposição. Isto não é sempre o caso – quando exprimem o valor quantitativo, também podem ser os sintagmas nominais. Por outro lado, em inglês, o objeto preposicional é simplesmente definido como objeto antecedido pela preposição. Esta preposição é a que liga o verbo e o objeto preposicional. Os objetos preposicionais e indiretos são semelhantes porque exigem um elemento em médio (uma preposição ou o objeto direto).

O predicativo do sujeito em português é ligado com o sujeito pelo verbo copulativo, concorda com o sujeito em número e gênero, ou com o predicador se o verbo é usado impessoalmente. Em inglês, também é definido como a função ligada com o sujeito pelo verbo copulativo e existe concordância em número e gênero com o sujeito. Pode ser dividido no

predicativo do sujeito descritivo e resultativo, e o predicativo do sujeito opcional e obrigatório, mas esta distinção não é feita nas gramáticas portuguesas.

O predicativo do objeto é definido como o modificador do objeto direto ou indireto pelo Cunha e Cintra. Os autores destacam que o predicativo do objeto indireto só ocorre nas frases com o verbo *chamar*. Mas, os outros autores denominam esta função o predicativo do objeto direto e não distinguem a categoria do predicativo do objeto indireto. Em inglês, esta função é denominada o *object complement*. É classificado em atributivo e resultativo, ou obrigatório e opcional. O predicativo do objeto torna-se o predicativo do sujeito na frase passiva correspondente.

Quando falamos dos adjuntos, as definições e classificações são várias nas línguas referidas, em termos da terminologia, mas também nas várias descrições gramaticais da mesma língua. Os autores portugueses definem-nos como os termos que adicionam o significado ao verbo. São denominados como os termos acessórios, as relações oblíquas e os adjuntos. Podem ser divididos em: o adjunto adnominal, que especifica um substantivo de qualquer função sintática, o adjunto adverbial, que denota as circunstâncias do fato expresso na oração, e o aposto que tem o caráter nominal e junta-se a um substantivo, pronome ou um equivalente destes. Existem vários tipos dos adjuntos adverbiais como por exemplo o adjunto de causa, de companhia, de dúvida, de fim, de instrumento etc. O aposto é geralmente separado por uma pausa entre o aposto e o termo a que se refere, e pode ser enumerativo ou recapitulativo. Tem o mesmo valor sintático do termo a que se refere. Alguns autores distinguem os adjuntos como a função opcional, isto é, os elementos não essenciais para completar o sentido da oração.

Em inglês os adjuntos são denominados os *adverbials*, ou *adjuncts*. Tal como em português, existem vários tipos que geralmente correspondem a os identificados pelos autores portugueses, e podem ser obrigatórios ou opcionais. São normalmente posicionados depois do verbo ou objeto se foram obrigatórios, e na qualquer outra posição se foram opcionais. Tipicamente referem nas circunstâncias da situação ou dão um comentário. Nas gramáticas analisadas são classificados como os adjuntos das circunstâncias, do comentário e da ligação. Os adjuntos das circunstâncias correspondem aos adjuntos adverbiais em português e descrevem as condições da frase. Os adjuntos do comentário exprimem a atitude do locutor sobre o conteúdo e são tipicamente separados prosodicamente ou ortograficamente do resto da frase.

Além destas funções sintáticas correspondentes nas duas línguas, existem algumas funções que são analisadas de maneira diferente nas duas línguas. Por exemplo, Cunha e Cintra mencionam o agente da passiva como o complemento verbal que na voz passiva designa o ser que pratica a ação sofrida ou recebida pelo sujeito. É normalmente introduzido pela preposição *por* que, embora não mencionado nas gramáticas inglesas como uma função sintática, corresponde com o mesmo elemento nas frases passivas em inglês que é tipicamente introduzido pela preposição *by*. Esta função é descrita mais detalhadamente na área da semântica nas gramáticas inglesas analisadas neste trabalho.

Cunha e Cintra também mencionam o vocativo como a função sintática específica. Definem-no como o elemento não subordinado a nenhum outro termo da frase que serve para invocar, chamar ou nomear uma pessoa ou coisa personificada. Este constituinte ocorre muito frequentemente nas frases imperativas, interrogativas e exclamativas. Por outro lado, em inglês, o vocativo tem as características semelhantes ao vocativo em português, mas não é descrito como a função sintática específica, mas como o constituinte da frase cuja função mais próxima é a do adjunto.

Em contraste, Biber et al. distinguem mais uma categoria em inglês, que denominam o operador. É o elemento encontrado nas orações finitas, e é requerido em estruturas especiais como nas interrogativas independentes e negativas, embora possa ocorrer nas frases afirmativas para acentuar a sua verdade.

4. CONCLUSÃO

O objetivo principal deste trabalho foi observar e comparar as definições, classificações e exemplos das funções sintáticas nas gramáticas da língua portuguesa e inglesa. Tentámos encontrar as semelhanças entre as duas línguas que não pertencem ao mesmo grupo das línguas, sendo o português a língua românica e o inglês a língua germânica, mostrando também as suas diferenças. Também as diferenças na terminologia são destacadas. A comparação foi feita através das descrições extraídas das três gramáticas da língua portuguesa e três da língua inglesa.

O trabalho é estruturado em três partes. Na segunda parte do trabalho, depois da introdução geral, observaram-se as descrições de cada função sintática, em primeiro lugar na língua portuguesa, e logo a função correspondente em inglês, com o objetivo de tratar de encontrar as semelhanças e diferenças entre as descrições nas duas línguas referidas. A terceira parte é constituída por uma análise e comparação das definições, terminologia e classificações nas duas línguas com o enfoque nas características em comum e características diferentes.

Chegámos à conclusão que nas duas línguas analisadas neste trabalho, existem variações nas descrições e classificações das funções sintáticas nas gramáticas correspondentes. Por exemplo, a função do sujeito é muito semelhante nas duas línguas e é a função central em ambas línguas. Também é classificado da mesma maneira, embora existam algumas diferenças na formação e estrutura das frases com vários tipos do sujeito. O predicado é o elemento central e com o sujeito faz a parte mais importante de cada oração, tal como em inglês. Mas, os autores das gramáticas referidas inglesas evitam a análise mais abrangente do predicado. Todos concordam que o *verb phrase* – o elemento principal do predicado – é o elemento que controla o resto da oração, mas além disso não é analisado nem classificado adicionalmente. Alguns autores denominam-no o *verb* ou *verb phrase* com a ênfase na classe de palavras a que pertence, e desta maneira separam-no das outras funções sintáticas. A descrição e classificação do objeto como mais um elemento importante da frase nas gramáticas portuguesas coincide com a descrição e classificação nas gramáticas inglesas, tal como os predicativos (ou complementos) do sujeito e objeto.

Em contraste, quando falamos sobre os adjuntos, existem diferenças na terminologia e classificação nas gramáticas da mesma língua, tal como em comparação das duas línguas

analisadas, que podemos explicar pelo grande número dos tipos dos adjuntos, mas também pelas várias maneiras em que se podem classificar.

Também existem algumas funções que não são descritas da mesma maneira nas duas línguas, como por exemplo o agente da passiva, vocativo e *operator*. O agente da passiva é descrito nos campos diferentes em duas línguas – sintaxe em português e semântica em inglês, o vocativo tem a classificação diferente nas duas línguas em relação a sintaxe, enquanto o *operator* só faz parte de sintaxe inglesa.

Estas diferenças entre as duas línguas são relacionadas também com o ano de edição da cada gramática referida, porque alguns autores seguem a análise tradicional e alguns a análise moderna, e também existem várias diferenças nas definições nas gramáticas de só uma língua. Podemos concluir que as funções principais de cada oração correspondem às funções principais da outra língua, e os elementos não centrais ou periféricos podem ser analisados e classificados de várias maneiras.

BIBLIOGRAFIA

- Biber, D.; Johansson, S.; Leech, G.; Conrad, S.; Finegan, E. (2000): *Longman Grammar of Spoken and Written English*. Harlow: Longman.
- Carrilho, E. (2008): *Sobre o Expletivo Ele em Português Europeu*. Faculdade de Letras, Centro de Linguística da Universidade de Lisboa: Portugal.
- Cunha, C.; Cintra, L.F.L. (1998): *Nova Gramática do Português Contemporâneo* (14.^a edição). Lisboa: Edições João Sá da Costa.
- Eliseu, A. (2008): *Sintaxe do português*. Alfragide: Caminho.
- Huddleston, R.; Pullum, G. (2002): *The Cambridge Grammar of the English Language*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Mateus, M. H. *et al.* (2004): *Gramática da Língua Portuguesa*. 6.^a edição. Lisboa: Caminho.
- Quirk, R., Sidney G., Geoffrey L., Jan S. (1985): *A Comprehensive Grammar of the English Language*. Longman: New York.
- Raposo, P.; Bacelar, M.; Coelho, M.; Segura, L.; Mendes, A.; com colaboração de Vincente, G. e Veloso, R. (2013): *Gramática do português: Volume I*, Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.